

POLÍTICA

CRISE NO SENADO

Desfecho não afeta o cenário político mais amplo

Governabilidade e coalizão ficam inalteradas mesmo com Renan afastado do cargo

LILIANA LAVORATTI
SÃO PAULO

O cenário político mais amplo continuará sendo favorável à governabilidade e à coalizão dos 11 partidos que apóiam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Independentemente do desfecho das denúncias de envolvimento irregular do atual presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), com um lobista de uma empreiteira. Essa é a avaliação de cientistas políticos ouvidos por este jornal.

O afastamento de Calheiros da presidência do Senado parece ser uma questão de tempo, embora o último capítulo da novela que já dura um mês ainda pode se prolongar por mais algumas semanas, ou talvez até por mais alguns meses. “Mesmo assim, o cenário político continuará sendo positivo, seja qual for o resultado do processo de ‘fritura’ política vivida pelo presidente do Senado”, afirma o analista da **Tendências Consultoria**, Rogério Schmitt. Um dos indicativos é o resultado da pesquisa CNT/Sensus, divulgada ontem: a aprovação do presidente Lula e do governo continuam alta: 64% e 47,5% dos pesquisados, respectivamente.

A política brasileira não pode ser analisada de forma linear, defende Aldo Fornazieri, cientista político e diretor acadêmico da **Fundação Escola de Sociologia e**

Política de São Paulo (Fespsp). “O aparecimento de vários escândalos atingindo integrantes do Executivo, Legislativo e Judiciário não significa que tudo está mal”, enfatiza. Segundo ele, Lula se encontra em situação peculiar, pairando acima dos partidos e políticos. “Até as pesquisas da oposição indicam que o presidente da República se reelegeria em 2010 se pudesse se candidatar para um terceiro mandato, tão alta está sua popu-

laridade”, argumenta. “A política brasileira deve ser olhada em sua forma paradoxal e abrangendo toda sua complexidade.”

No curto prazo, os estragos produzidos pelo episódio que atingiu o presidente do Senado estão restritos à produtividade do Senado — o ritmo das votações caiu, apesar do esforço do próprio Renan de retomar a apreciação de projetos até mesmo como estratégia de “blindagem” das denúncias contra ele. Entretanto,

no longo prazo — e independentemente se Renan fica ou sai da presidência do Senado —, a governabilidade não será afetada e o Congresso voltará à normalidade, prevê Schmitt. “Como nesse momento o governo não tem urgência para aprovar nada, o Palácio do Planalto possui alguma gordura para queimar e deixar que o Senado resolva o episódio por conta própria.”

Na avaliação de Schmitt, à medida que o tempo correr e se

tornar importante para o governo a aprovação de determinadas matérias, a própria base governista vai tirar a crise do atual banho-maria. “Do ponto de vista mais estrutural, dos fundamentos do cenário político, este episódio não está comprometendo a coalizão do governo Lula. É mais uma crise de curto que médio e longo prazos.” Ainda de acordo com o analista da **Tendências**, o Senado deverá retomar a normalidade em

maior ou menor tempo, dependendo da gravidade de eventuais novas denúncias e das manobras políticas no Conselho de Ética, onde corre o processo contra Renan Calheiros por quebra de decoro parlamentar.

Passado esse processo — cujo término ainda não pode ser previsto —, tudo indica que o País voltará ao cenário anterior. “Talvez fiquem algumas feridas não cicatrizadas, decorrentes do fato de o PMDB estar sob ataque e Renan Calheiros ser uma figura importante no partido”, avalia Schmitt. Mas tudo dependerá de quem ocupar a presidência do Senado, se confirmada a hipótese de afastamento do senador alagoano do cargo. “Se for outro senador peemedebista, será a troca de seis por meia dúzia, e permanecerá intacto o apoio da legenda ao governo. Mas se outro partido ganhar a presidência fará diferença, já que o peso do PMDB no Senado é mais importante para a coalizão governista do que na Câmara”, analisa. No entanto, neste momento a melhor aposta é a manutenção do “status quo”.

Tendo em vista que o viés deixou definitivamente de ser pró-absolvição e vai se tornando cada vez mais negativo para Renan Calheiros, o desfecho mais provável, segundo Rogério Schmitt, é que o senador alagoano renuncie à presidência do Senado para poder preservar seu mandato parlamentar. “Nessa hipótese, Renan deixaria de ser um ator relevante na sucessão presidencial de 2010 e voltaria a ser um político de ambições regionais.”